

O Pescador

Redactores diversos

Orgão da Colonia Z—2 „Nossa Senhora da Graça“

Publicação mensal.

Assignaturas :

Anno 4\$000
Semestre 3\$000

Anno I

São Francisco, 25 de Dezembro de 1922

N. 10

Natal

O mundo civilizado celebra, neste momento, a magna data do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.

Mysterioso sentimento, generalizado em todos os povos christãos, dá vibrações de fé e de esperança a todas as almas, ainda mesmo áquellas que, obsecadas pelo egoismo, não têm tempo para reflectir nos profundos problemas do sêr e do destino: é que realmente os tempos se approximam da grande renovação social, predita pelo Mestre Divino, a cuja sabedoria está confiada a direcção do globo que habitamos.

Pródromos dessa renovação providencial são os novos principios philosophicos sobre que assenta o sentimento religioso, agora mais do que nunca em franca evolução para a completa liberdade de consciencia, e o surto admiravel do altruismo que em nossos dias se constata, moldando lentamente, apesar de innumeras e reincidentes vicissitudes, as relações sociaes pela norma do evangelho.

Utopia! affirmarão os thuriferarios do negativismo religioso, escravos inconscientes (máo grado o seu ridiculo orgulho de super-homens) da fatalidade cosmica, sem forças para reagir contra esse Protheu multiforme que é a carne, no mais insignificante esforço para a vida verdadeiramente superior do espirito, na escalada do poder animico, feito de bondade, de amor, de luz e caridade.

Não obstante, as forças imponderaveis do espirito trabalham sob a cupola de ferro dos preconceitos e dos vicios desta epocha, mais caracteristicos da degradação humana do que ao tempo de Jesus. Aquellas forças, á semelhan-

ça dos gazes que circulam no centro do nosso globo, fazem a toda hora bruscas irrupções em mil pontos diversos da cupola que as procura conter, até que um dia, sob a maxima compressão recebida, adquiram a sua maxima potencialidade para a salutar destruição dos males que nos infelicitam e o estabelecimento de nova ordem de cousas mais consentanea com a verdadeira civilização christã.

Praza aos céos, entretanto, que não seja esse o processo da renovação predicta; mas que os homens, submissos á vontade de Deus, contribuam, cada um com o seu pequeno esforço, para a transformação gradual deste inferno terrico-la no paraizo ideado por Jesus.

Entretanto, o Mestre aproxima-se de novo do redil das suas ovelhas. O seu olhar de amor e de misericordia paira sobre a terra.

A mangedoura de Belém de novo se atavia de estrelas para acolherem seu berço humilde o enviado dos céos...

Natal de Jesus! Em todos os lares, no suave ambiente da familia, pairam canticos de gloria: é a grande voz da consciencia humana clamando pelo advento do Christo-Martyr, para redimir o horrendo crime do passado, no anseio sublime e reparador de receber-o como o legitimo Guia da Humanidade, preparando-lhe, não as palhas do berço rustico para a acolhida do Menino Jesus, mas a gratidão universal, para o triumpho completo do Salvador.

Jesús! Tu que procuraste entre os pescadores de Genezareth aquelles varões rusticos que, convertidos ao teu evangelho, foram os teus apostolos fieis e os propagadores da tua doutrina de salvação; tu, que foste o apoio dos fracos, o arrimo dos hu-

mildes, recebe, Jesus, no mais alto dos céos, os canticos de louvor e de gratidão que desferem em torno do teu berço os pescadores da terra de Santa Cruz.

Sursum corda.

Terminado o periodo governamental do Snr. Epitacio Pessoa, durante o qual teve inicio a obra fundamentalmente brasileira da nacionalisação da pesca e reerguimento moral da nossa gente prajeira, até então vivendo relegada do convívio da Nação, considerada mesmo, diga-se a verdade, como detricto inutil do povo brasileiro, tivemos um breve periodo de expectação, aguardando a directriz que deliberasse traçar o novo governo, relativamente ao magno problema que ora nos preoccupa.

Não que desconhecessemos o intenso amor que consagra á sua e nossa Patria o novo presidente, nem tão pouco o vigor das suas opiniões e o masculo desassombro que lhe deu forças para resistir, incolume, á tremenda campanha desenvolvida contra s. ex. nessa irritante questão das candidaturas presidenciaes.

Por esse lado, nenhum receio nutriamos.

Mas, de tal modo nos habituamos a ver dominar na alta administração do paiz, em cada quadriennio que se inicia, o criterio da solução de continuidade, ainda mesmo com relação aos mais relevantes problemas, que não nos pudemos furtar áquella expectação da primeira hora.

Estamos agora tranquilos e cheios de esperança.

O sr. dr. Arthur Bernardes é um homem moço: comprehende a necessidade da evolução rapida em um paiz onde ha muita cousa a fazer; mas tem o senso profundo do equilibrio, sem o qual não ha politica administrativa capaz de amparar os interesses nacionaes.

Tem, assim, um temperamento conservador moderado.

Procura realisar economias onde são ellas possiveis, sem desequilibrio nas grandes forças da economia nacional.

Ora, o desenvolvimento da pesca é incontestavelmente uma dessas grandes forças, mesmo fa-

zendo abstracção da defeza nacional.

Sursum corda, portanto.

O Brasil, entretanto, ainda por algum tempo, precisa dar muito ao pescador nacional, sem visar compensação immediata. Esta virá um pouco mais tarde. Não sabemos o estado em que se acha a pesca em outros logares do paiz; conhecemos, entretanto, a fundo o que se passa na zona em que se desenvolve a acção das Colonias Z—1 e Z—2; tudo está por fazer. A miseria corróe desoladoramente as nossas populações praieiras. Os seus processos de pesca são os mais rotineiros. Os filhos perambulam, esmulambados, ao longo das praias, sem escolas, crescendo comoco gumelos no ambiente infecto e humido de esburacadas choupanas. As doenças dizimam essa pobre gente, esteriotipando nos seus esquelidos semblantes o traço indelével do soffrimento.

Verdadeiramente o que o Brasil tem a fazer com os nossos pobres pescadores não é só organisal-os em colonias cooperativas: que elles não têm ainda a capacidade do cooperativismo; é sim, ao lado dessas colonias que têm a função moral de chamal-os ao convívio dos brasileiros, crear nucleos de assistência material aos pescadores, proporcionando-lhes, methodicamente, o que precisem para melhorar os processos de pesca, quer sejam aparelhos, embarcações, etc., quer sejam instructores. Além disso é preciso crear escolas primarias e dotal-a de bons professores.

E' isso o que tem sido tentado pela Colonia Z—2, cujos dirigentes comprehenderam o problema e têm procurado resolvel-o praticamente, creando escolas, dando assistência os associados, mas tudo isso, como é comprehensivel, de um modo precario e sem a estabilidade que taes cousas requerem.

Continuaremos a lutar por esse *desideratum*; mas é necessario amparo dos poderes publicos.

Muito principalmente cumpre que o supremo chefe da Nação seja informado com franqueza e sinceridade do estado em que se encontram os diferentes serviços.

A pratica da burocracia têm mostrado a quem escreve estas linhas que as informações officiaes, na mór parte dos casos, em nosso

paiz, não correspondem aos factos concretos e ás necessidades do serviço publico: d'ahi injustiças clamorosas, disvirtuamento de occorências, abastardamento de funções, desalento, o cháos...

Não queremos que tal aconteça com relação á pesca. Felizmente a directoria da Colonia Z-2 tem preferido á *fita*, essa instituição disvirtuadora, as informações precisas sobre o estado da pesca e de tudo que se refere aos pescadores.

E este pequeno jornal outra coisa também não tem feito até hoje.

Continuamos, pois, a affirmar, quasi implorando: o que o pescador precisa, immediatamente, é de escolas bem organisadas, de assistência immediata, de instrução profissional pratica, de fornecimento de material de pesca a preços módicos e prazo longo, tudo isto feito com amor, com empenho sagrado de amparar essas populações que são o cerne da nossa nacionalidade e que entretanto vegetam no mais deploravel abandono, enxotadas dos melhores pontos do littoral; populações que o eterno devaneio dos nossos poetas cognominha — „a possuidora feliz das nossas praias“ — e que, entretanto, desgraçadamente, vivem na mais negra e sordida miséria, roídas pelo desanimo, pelas doenças.

Não se diga que armamos ao effeito. Si o sr. Arthur Bernardes realmente quizer conhecer a nossa triste situação, si abrigar em sua alma (e estamos convencidos disso) o verdadeiro amor pelos seus patricios, dignese mandar a estas plagas um emissario da sua confiança.

Nós nos encarregaremos de fazello tocar com o dedo a chaga dessas misérias e desse opprobrio nacional; nós lhe mostraremos o mais lindo trecho das praias da Babilonga, aquelle que fica confinado entre os dois pontos extremos da Ponta da Cruz e do sacco do Iperoba, completamente sequestrado aos nossos pescadores; nós lhe mostraremos esses innumerables lares sem conforto e sem pão, onde imperam doenças; nós lhe mostraremos a infancia abandonada.

Sangra a nossa alma ao confessar esta verdade desoladora: cada vez mais o brasileiro é um pária na sua Patria. Os nossos dirigentes deviam fugir ao ambiente ficticio do Rio de Janeiro. Deviam fazer demoradas villegiaturas aos sertões e ás praias do Brasil; viver por alguns dias entre a nossa gente que não mendiga porque tem brio, mas morre de fome para não mendigar; sentir, no contacto com as necessidades alheias, auscultando o anseio do povo, o ambiente de desalento, de negra desesperança, que se formou em torno das classes de que nos occupamos.

O que nos cumpre é procedermos de modo a restaurar as

energias latentes na alma dos nossos praeiros; conduzi-los a principio pela mão, até que em fim, de novo arrimados ao bastão da esperança, levantem a fronte e possam fitar o futuro com inteira confiança.

Até se obter esse resultado, o trabalho é penoso. Nós o continuaremos, mas imploramos ao supremo Chefe da Nação que nos prodigalise os meios para conduzi-mos a bom termo a pequena parte de trabalho que nos foi confiada nessa obra ingente da organização da pesca no Brasil.

Assim o esperamos.

Cruzador „José Bonifacio“.

Em serviço da pesca, esteve neste porto alguns dias do mez findo, o cruzador „José Bonifacio“ sob o commando do sr. Capitão-Tenente Armando Pinna, um dos mais ardorosos propugnadores da nacionalização da pesca, a que tem prestado serviços inestimaveis.

Durante os dias em que aqui permaneceu o elegante vaso de guerra, esteve o seu distincto Commandante em contacto frequente com os pescadores colonizados, auscultando-lhes os sentimentos e observando com vivo interesse e sympathia a marcha das colonias localizadas neste municipio.

Acompanhado de varios officiaes, seus commandados, e do medico de bordo, visitou a escola Tenente „Zenithilde“, onde constatou a presença de 54 alumnos, tendo ali accorrido um grande numero de pessoas enfermas que foram caridosamente medicadas pelo facultativo que faz parte da missão da pesca, o qual fez também varias visitas domiciliaries com a verdadeira abnegação de medico, declarando lamentar que a curta permanencia do „José Bonifacio“ entre nós não lhe permittisse dar amplitude aos seus serviços em favor dessa pobre gente „roída pelas enfermidades e pela miséria“, conforme a sua expressão ao tocar com o dedo a chaga da zona rural.

O sr. Commandante Armando Pinna ficou profundamente comovido diante do espectáculo que se lhe apresentou aos olhos e manifestou os seus sentimentos de applauso á directoria da Colonia Z-2, que, disse S. S., bem comprehendeu o que era preciso fazer em proveito da nossa gente pauperrima. Admirou-se de ver, em uma região inhospita, através da qual, durante uma hora de marcha, não encontrou sinão raras choupanas, funcionando uma escola com tão elevado numero de alumnos cujo aproveitamento verificou.

Tambem s. s., em companhia do sr. commandante Manoel

Eloy Alvim Pessoa, visitou a escola do Rocio Grande, tendo ali feito apanhar alguns films cinematographicos, do mesmo modo procedendo com relação a certos aspectos da ilha e ás obras do abrigo de pescadores. A mesma impressão favoravel teve s. s. da Colonia Z-1, cuja escola visitou em companhia de outros officiaes, trazendo optima impressão dessa visita.

Coração expansivo e bom, o sr. Commandante Armando Pinna, a toda a parte onde se cultúa o patriotismo, levou o incentivo das suas palavras: assim no grupo escolar, na companhia de escoteiros, etc., etc.

Uma desoladora surpresa, porém, nos aguardava: na vespera de levantar ancoras deste porto, declarou-nos esse bom amigo que, tendo sido substituido no commando do „José Bonifacio“, aproveitaria o ensejo para deixar esse vaso de guerra. Percebendo, porém, a nossa angustia, accrescentou s. s. que isso não queria dizer abandonasse a obra iniciada, antes pelo contrario, a ella dedicar-se-hia em outro campo de acção com o mesmo denodo e boa vontade.

Ao presidente da Colonia Z-2 recommendou s. s. que providenciasse no sentido de lhe serem remittidas amostras de fio e outros materiaes usados pelos nossos pescadores, a fim de ser feita uma remessa a esta Colonia, conforme edital que publicamos em outro local desta folha.

Ao bravo marujo e aos seus leaes companheiros acompanharam os nossos votos de felicidade.

Noticias

Exames escolares.

De accôrdo com as instrucções da directoria da Colonia Z-2, anteriormente publicadas, tiveram lugar em 3 do corrente, os exames de fim de anno, nas seguintes escolas da mesma Colonia: Rocio Grande, Ubatuba, Estrada do Acarahy e Monte de Trigo. Os alumnos inscriptos nesses exames foram todos aprovados pelas respectivas bancas examinadoras, excepto os da escola do Monte de Trigo. O presidente da Colonia Z-2, entretanto, á vista das provas escriptas desses alumnos e considerando que demasiado foi o rigor da banca examinadora, exigindo em exames tão simples, provas que excediam aos limites traçados nas instrucções expedidas, reformou o laudo da referida banca, para considerar aprovados os alumnos dessa escola, tendo dado conhecimento desse acto ao respectivo professor, para os devidos fins.

Aos alumnos que melhor classificação obtiveram, serão opportunamente entregues os premios

offerecidos pelos srs. Otto Selinke e Sergio Nobrega Filho.

Como se trata de quatro escolas e os premios acima alludidos cabem a dois alumnos apenas de duas dessas escolas, a directoria da Colonia Z-2 providenciara no sentido de não ficarem em falta os demais alumnos, caso outros amigos da Colonia Z-2 não tenham gesto identico ao dos Srs. Nobrega e Selinke.

Tendo sahido do prélo o folheto da lavra do saudoso professor Joaquim S. Thiago, sob o titulo „Pequenas lições de moral christã“, mandado imprimir pela Colonia Z-2 para distribuição gratuita ás suas escolas, recommenda a respectiva directoria aos srs. professores que lhe remetam uma lista dos alumnos que já sabem ler e a cada um dos quaes será entregue um exemplar da referida obra que servirá de livro de leitura.

Sendo possivel, entretanto, que outras pessoas queiram adquirir a mesma obra, a directoria da mesma Colonia reservou 200 exemplares para esse fim, expondo-os á venda nas livrarias dos srs. Paulo Krelle e Alvara Rapozo á rua Ipiranga.

O producto dessa venda entrará para os cofres da Colonia, a titulo de auxilio ás obras do Abrigo.

O director deste órgão tem em preparo um livro em prosa e verso que será brevemente dado á publicidade, sendo possivel que seja prefaciado por um dos nossos escriptores patricios.

Trata-se de uma obra de propaganda, de feição local, em que são registrados aspectos e costumes do *folle-lore* desta zona catharinense.

São desse livro as producções poeticas publicadas em supplemento na edição de Novembro deste órgão e na „Razão“ de 16 do corrente, bem como a que ora é dada á lume sob o titulo „Pescadores“.

Não extranhem os puristas da lingua, dado o feitio de taes producções que se destinam a descrever, com fidelidade, usos e aspectos locais, certas expressões que se poderiam considerar deslocadas no verso, si não se attender ao fim collimado.

O brilhante órgão da Confederação Geral dos Pescadores — „A Vóz do Mar“ que se edita no Rio, deu-nos a honra de transcrever, na integra, precedendo-o de referencias elogiosas, o artigo de fundo do numero deste órgão, de 7 de Setembro, da lavra do nosso director Arnaldo S. Thiago.

Grates.

Lotes para edificar, sitios na rua Nova.

A' venda por preços módicos e a prestações. Informações com **Olympio Görresen** em São Francisco.

Pescadores

*Ao prezado amigo, snr. Com-
mandante Alvim Pessoa.*

A diuturna flamma a comburir no espaço
inda não crepitou. Da noite no regaço
dormem a terra e o mar. Dormem placidamente.
Passa, entanto, no céu, o cortejo esplendente
das estrellas em torno á pallida somnambula.
Silencio de necrópole. Uma voz noctambula
porém ao longe echôa: é o canto da saudade
que o marujo desfere em plena soledade.

Distante vem o dia e as auras matutinas
começam a encrespar as aguas crystallinas.

O scenario mudou. Agora as ardentias
projectam sobre o mar as revoltas estrias,
recamando os parcéis e a praia alvinhenta.
Então o pescador accorda e prestemente,
sobranchando lanterna e remos e velame,
corre á faina do mar antes que a esposa o chame.

Já nas ondas fluctúa a pródiga canôa:
sólta a vela ao terral e para o norte aprôa.
Eil-o firme na pôpa, a manobrar garboso
o seu barco velóz sobre o mar tenebroso.

Antes que o sól vergaste os duendes da noite
com o feixe de luz do espectral açoite
e crave no horisonte o seu olhar primeiro,
se encontra o pescador em cima do pesqueiro,
Atira a poita ao mar e a vela bem ferrada
accomoda na prôa, em baixo da bancada.
Inda vem longe a aurora, inda *puxa* a maré.
Arde o fogo na telha: aquece-lhe o café.
(Não ha nada melhor que o café bem quentinho
feito sem coador e tomado cedinho)
Depois o pescador accende o seu cigarro,
lança ao vento a fumaça e puxando o pigarro,
dá graças a S. Pedro e vai iscar o anzól...

Começa a clarear e ja vem perto o sól.
Descem chispas de fogo ao mar, refresca o vento;
nos rochedos, ao longe, um lençol alvaçento
de espumas se adelgaça e rola em torvelinhos
no abysmo torvo e negro onde assomam golphinhos.

Não treme o pescador. Com linhote e chumbada
é firmar-se na borda e não perder linhada.

Eil-o agora em seu posto, attento, vigilante,
o recesso do mar sondando instante a instante.
De subito o linhote enrista força estranha
que parece agitar do oceano a funda entranha.
Movimento instinctivo a mão que tem alçada
impelle ao pescador na rispida terrada:
então sente do anzól a farpa traiçoeira
nas guelras se encravar da pescada matreira.

E agora é tentar o peixe na corrida:
não lhe dar muita linha e nem forçar-lhe a brida
que ainda pôde escapar si não tiver cuidado.
Vai muito a diligencia e o esforço redobrado.

Mais um pequeno arranco e a rigida arpoada
rasga o aurifero dorso á turgida pescada.

Quando o sól vai a pino, e encrespa a nordestia
O sereno e brilhante espelho da bahia,
recolhe o pescador as poitas e o viveiro
e faz rumo da praia em seu barco veleiro.

Nesse dia sorriu-lhe a sorte caprichosa:
— Comprará um vestido á esposa carinhosa,
um pouco de riscado aos filhos... E pensando
em taes cousas, sorri, se alegre e vem cantando.

Entretanto nem sempre as auras da fortuna
são propicias ao bom e nobre pescador.
Falta-lhe ás vezes isca; outras vezes o tempo
se incumbe de entravar-lhe o genio luctador

Então si o vento ronda ao quadrante de leste
é bem certo esperar máo tempo muitos dias.
Não esmorece e applica em concertar as rédes
o forçado lazer das longas invernias.

Quantas vezes, porém, elle se faz ao largo
com o vento á feição e mares bonançosos,
e ja no oceano em fóra assalta-lhe o máo tempo,
no céu a desenhar signaes tempestuosos.

Rapido, o pescador ferra o panno á canôa
e murmura uma prece á Virgem padroeira:
— «Valei-me, vós, Senhora! Em meio da tormenta
protegei o meu barco, óh! santa mensageira!»

Erguem-se vagalhões; ribomba a trovoada;
cruzam raios no céu. Dos ventos fustigada,
a chuva se despenha em turbilhões no mar.
Na voragem se engolfa a turbida canôa.
Já fallece a esperanza... Eis subito na prôa
radiante apparece a Virgem tutelar.

— O' Rainha do céu, acode ao navegante!
Num arroubo de fé, exclama o pescador.
Milagre! — eis que um poder estranho retempera
a coragem fugaz do heroico luctador.

E braceja, a remar, com a força insopitavel
que lhe trouxe o vigôr da crença inquebrantavel.

Mais forte que a tormenta é o poder da oração:
Pescador, tu tens fé e Deus tem coração.

Eil-a do pescador a vida aventureira.
Passando sobre o mar uma existencia inteira;
ora de vento em pôpa em dias bonançosos;
ora luctando, audaz, com os tempos tormentosos;
aprendendo a soffrer e aprendendo a esperar;
tendo um profundo amor á solidão do mar,
aos filhinhos, á esposa e uma doce lembrança
da praia onde moureja e brincou em creança.

E' rude o pescador, mas su'alma é um sacrario
aberta á compaixão do martyr do calvario.

E por isso Jesús prefere aos esplendores,
ás vanglorias do mundo, o amor dos pescadores.

São Francisco, Dezembro de 1922, ao enfunar-se, na
linha da praia, a primeira vela do pescador que parte.

Arnaldo S. Thiago.



